

Suplemento Cultural

RÊMOLLO LETTERIELLO LANÇA

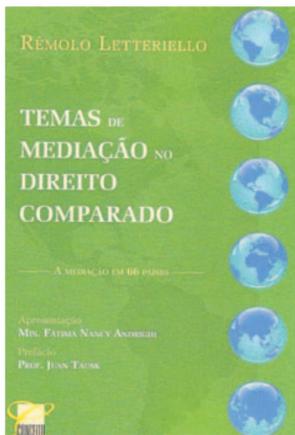
“Temas de Mediação no Direito Comparado”

RUBENIO MARCELO – *escritor e advogado, secretário-geral da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras*

Como sabemos, é o franco diálogo a postura mais afinada com os efetivos desígnios da paz. Assim, tendo por escopo fundamental a prevenção de litígios e a resolução eficiente dos conflitos de interesses, por intermédio de harmônico e racional método dialético ao invés da desgastante animosidade reinante nas lides ao longo dos tempos, surge o moderno instrumento de satisfação pessoal e pacificação social: a Mediação. Sancionada em 26 de junho de 2015, a Lei nº 13.140 trata: ‘da mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e da autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública’.

Especializado neste assunto – e com escritório privado e exclusivo de mediação instalado em Campo Grande – Rêmollo Letteriello lançou recentemente o seu novo livro intitulado “Temas de Mediação no Direito Comparado / A Mediação em 66 países”, publicado pela Ed. Conceito Editorial, contendo 372 páginas.

O compêndio possui apresentação da ilustre ministra (do STJ) Fátima Nancy Andrih, que assim assevera, num trecho: “Este refinado trabalho de pesquisa do tema Mediação no Direito Comparado abre, para limites bem mais amplos, a nossa ainda míope visão do instituto mediação como um valor a ser priorizado”. E finaliza: “Diante



CAPA DO NOVO LIVRO DO DESEMBARGADOR (APOSENTADO) DO TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MATO GROSSO DO SUL – Rêmollo Letteriello, membro da ASL.

destes elementos pincelados e sendo provável que haja agora, sob os auspícios do Novo Código de Processo Civil e da Lei 13.140/2015 (Lei da Mediação), sensível incremento no uso da mediação em nosso país, essa obra, com certeza, será elemento complementar e indispensável, de referência para a compreensão e formação de opinião sobre esse instituto tão instigante”.

O prefácio do livro é timbrado pelo psicólogo e mediador argentino Juan Tausk (prof. da Universidad de Buenos Aires), que fecha assim as suas abalizadas considerações: “Cuidar do desenvolvimento da mediação requer intervenções lú-

“

“Sancionada em 26 de junho de 2015, a Lei nº 13.140 trata: ‘da mediação entre particulares como meio de solução de controvérsias e da autocomposição de conflitos no âmbito da administração pública’”

cidas que bem fariam em se apoiar e se nutrir deste texto que estamos compartilhando. Já existem vários afluentes que vertem fios de margaritas águas ao fluir doce da mediação. É inevitável e talvez necessário. Para cuidar de nosso entorno se necessita de boa informação, honestidade e boas práticas. Aqui estão”.

O primeiro lançamento desta bela obra aconteceu na noite de 12/04 p.p., em concorrido evento no saguão do Tribunal de Justiça/MS. Lá estive (com muito prazer) prestigiando o convite do nosso prezado confrade da ASL, e adquiri a obra, da qual tecei esta breve sinopse.

Já na segunda-feira p.p., 17, “Temas de Mediação no Direito

Comparado” foi lançado em Belo Horizonte (MG), por ocasião do ‘III Seminário Internacional de Mediação’, evento que foi promovido pela Conférence Internationale de Médiation pour la Justice, TJ/MG e o Instituto de Mediação Aplicada, e que proporcionou um consistente debate sobre o relevante tema. E, completando os lançamentos agendados para este corrente mês, o livro será apresentado (em 28/04) na Argentina: no ‘II Encuentro Latinoamericano de Mediación y Negociación’ (Buenos Aires).

Desembargador aposentado (e ex-presidente) do Tribunal de Justiça de Mato Grosso do Sul, advogado e mediador, Rêmollo Letteriello é também palestrante e conferencista. É membro da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, ocupando a Cadeira nº 22. Já escreveu e publicou outras obras também muito aplaudidas no meio jurídico, como: “Ação Reivindicatória” (coautoria com Paulo Tadeu Haendchen), “Ação de Usucapião Ordinário”, e “Repertório dos Juzados Especiais Cíveis Estaduais”.

Explanando sobre a sua nova publicação, Rêmollo afirmou que “a obra proporciona aos leitores o conhecimento das especificidades que envolvem a mediação e a compreensão dos mais diversos sistemas adotados, dos pontos convergentes e das diferenças e, sobretudo, dos princípios acolhidos para a sustentação, desenvolvimento e aperfeiçoamento desse método”.

Vale a pena conferir!

POESIAS

LUA TERENA

Quando eu olho pro céu, ela me espia;
Se a dispo com o olhar, ela sorri;
Quando a nuvem a encobre, é guarani
Fugindo pela mata igual cutia...
Na floresta, atrás dela eu já corri,
Mas se esconde de mim durante o dia;
É a índia que o poeta mais queria;
É terena, é pequena, minha Jaci...

Da minha aldeia eu admiro a sua beleza,
Quando à noite desfila com esplendor,
Prateando matas, rios e a natureza...

E para completar minha fantasia,
Vou fazer uma escada só de amor,
Lá pro céu, com degraus de poesia.

JOSÉ PEDRO FRAZÃO

SALVE, TERRA MORENA!

Tu que vens de longe, ó cansado viandante!
Que tens magoados os pés, dum longo caminhar
Por paragens longínquas... tão distantes...
Descansa em nosso abrigo! a noite vai chegar!
Buscas água? – cristalina fonte borbulha sussurrando.
É o amor que buscas? – almas amantes esperando estão,
Sob cúpula estrelada dormirás sonhando,
Em manhãs formosas os sabiás te acordarão.
Aqui, amenas brisas murmuram docemente,
Aqui, sempre perene é a vegetação;
Onde a civilização campeia ingente:
Esmeralda rútila engastada no sertão.
E quando o sol radioso tua existência vier doirar,
Quando em bonança o teu barco velejar,
Debruça-te osculando a terra hospitaleira
Que vela por tua Pátria, a Pátria brasileira.
Que então teus lábios cantem um hino de ternura:
– Salve, Campo Grande – terra morena, ninho acolhedor!
Berço de pioneiros, oásis de ventura!
Onde começa o céu, onde começa o amor!

HENEDINA HUGO RODRIGUES

PALCO

a trilha sonora
esta cadeira do lado vazia
o teatro o cinema o show
os conceitos entrelaçados
em cada pedaço que fica do rememorar
dos estilhaços de argumentos vagabundos
percebidos do imaginário
seja o que for que sempre acontece um dia
apenas nos faz contestar quais são
as razões da vida
quem tem razão
é necessário saber que tudo está aí
para a gente vivenciar
pelo sensorial
movimentos corporais
intelectuais
expressões impulsos
que parecem normais
mas são anormais na multiplicidade
das fantasias e dos fantasmas
copiados dos palcos criados
para contestação
constatação
dos atos
entretos

HENRIQUE DE MEDEIROS

3 CASOS DE PROMOTOR

EDUARDO MACHADO METELLO

1. Fazendo o curso de Direito, no Rio de Janeiro, frequentava sempre o Tribunal do Júri para assistir a julgamentos. Grandes tribunos vi funcionarem, na acusação e na defesa, verdadeiros expoentes da oratória forense. Em uma dessas vezes, o promotor, no início de sua oração, pediu a absolvição do réu.

No nosso Direito, ao contrário do que acontece na França, onde o Ministério Público só pode cegamente acusar, mesmo contra a convicção do seu titular, o promotor, quando se convence da inocência do réu, pode pedir a sua absolvição. Foi o que aconteceu naquele caso. O advogado de defesa, moço, pequeno, macilento, quando todos nós pensá-

vamos que fosse elogiar a atitude elegante do promotor, saiu-se com esta:

– “Senhores jurados, quero adverti-los contra a manobra astuta, ardilosa, do representante do Ministério Público. Pedindo a absolvição do réu, neste caso onde realmente nem a denúncia deveria ter sido feita, está preparando terreno para depois. Nós que temos outros julgamentos em pauta, para esta mesma sessão do Tribunal do Júri, somos obrigados a chamar a atenção dos senhores para a atitude maquiavélica do promotor! Ele pode, amanhã, dizer que, quando o réu é inocente é o primeiro a pedir a absolvição. E tirar partido disso. Cuidado! Precavei-vos! Isso é chicanada, é golpe premeditado!”.

Qual exímio enxadrista, aque-

le advogado via longe, prevendo lances futuros...

2. De outra feita, o promotor já estava falando há mais de duas horas. Para encerrar a oração, preparou uma frase de impacto visando impressionar os juízes de fato:

– “Senhores jurados, se lhes peço que condenem o réu é porque sei o que estou falando. Estudei o processo, examinei as provas. Se peço a condenação, é porque estou bem montado: estou montado no Código Penal!”

O esperto advogado contrário não perdeu a oportunidade e retrucou, anulando o efeito da frase: – “Cuidado, senhor promotor! Meu pai sempre dizia que é perigoso montar em animal que a gente não conhece!”

3. O advogado defendia a causa com unhas e dentes, lendo o seu

elaborado discurso. Nervoso, gesticulando muito, procurava convencer os jurados da inocência de seu cliente. A cada argumento expedido agitava o braço querendo chamar atenção. A certa altura do discurso escrito, o que tornava a sua oração tediosa e enfadonha, afirmou, lendo o texto: – “Vejo o promotor com cenho fechado, carrancudo, nervoso, preocupado com argumentos que por certo levarão à absolvição do réu...”

O promotor, sem mesmo pedir aparte, imediatamente retrucou: – “Carrancudo? Eu? Pelo contrário, estou tranquilo, alegre e confiante. Mas já que o nobre advogado escreveu assim no seu discurso, eu vou satisfazê-lo para que não fique mal perante os senhores jurados!”.

E fez uma tremenda cara feia, voltando-se para o advogado, provocando risadas na seleta plateia...

Uma invasão de bandoleiros

PAULO COELHO MACHADO

Na esquina da Rua 7 de Setembro com a 13 de Maio ficava a loja de Lucas Borges, o conhecido boiadeiro de Uberaba, que fazia intenso comércio de bois magros na Vacaria. As comitivas traziam, em caravanas de numerosas carretas, as melhores mercadorias de Minas, como sal, arame, ferramentas, sementes, tecidos e levavam o gado de volta.

Lucas Borges, como tantos outros, resolveu estabelecer-se definitivamente aqui, por volta de 1911, montando sortido armazém, juntamente com o sócio José Ferreira, um sírio muito cioso de suas obrigações e que tomava conta da loja. Era empregado da casa o irmão do advogado Argemiro Fialho, de nome Olinto, menino na época, que narrou o episódio que segue.

A cidade assistia tranquilamente aos festejos de Santo Antônio, na única Igreja existente, que regurgitava de gente, vinda de toda a parte. Havia um animado leilão de prendas e vendas de salgadinhos em benefício das obras do templo. De repente apareceram alguns homens estranhos, esquisitos, de melenas sujas, roupa empoeirada e passaram a arrematar tudo que era de comer. O povo desconfiado começou a debandar, voltando a seus lares. A cidade já mostrava ares de progresso e a Rua 7 de Setembro contava com poucas casas comerciais e alguns bolichos. No dia seguinte, o grupo estranho ressurgiu. As autoridades e os políticos escafederam-se, sem meios de oferecer resistência e a cidade ficou inerte, entregue a própria sorte.

Pelas 9 horas, os bandoleiros iniciaram o saque no comércio e uns

4 ou 5 elementos sujos, cabeludos e mal-encarados, penetraram na loja de Lucas Borges & Cia. e intimidaram o gerente, José Ferreira, a fornecer-lhes algumas mercadorias.

Um deles pediu chapéus de abas largas. O sírio, muito humildemente, afirmou que não trabalhava com esse tipo de mercadoria. Mas o jagunço correu os olhos pelas prateleiras, localizando as caixas e puxando do machete, que tinha na cintura, deu um golpe rijo no balcão, gritando: – “desça essas caixas, seu turco sem-vergonha”.

O gerente determinou que Olinto fizesse a vontade dos intrusos, que escolheram a dedo as melhores coberturas que encontraram, rindo, xingando e cuspidando. Ai pediram capas rio-grandenses. O gerente negou mais uma vez que as tivesse, mas a cena do machete se repetiu e Olinto teve que ir ao depósito, nos fundos da loja e exibiu a mercadoria, logo apropriada pelos ferozes

bandoleiros, que, antes de deixarem o local, foram apanhando lenços de seda, calças, camisas, goiacas e tudo mais que encontraram.

Montaram em seus cavalos e partiram. A proeza foi repetida no estabelecimento de Abrão Júlio Rahe, assim como na maior parte das lojas da indefesa vila. Dois dias depois deixaram Campo Grande, identificando o bando como os famigerados NETOS.

Não houve, entretanto, extorsão de dinheiro, nem desrespeitos às famílias, ou qualquer outro ato de violência. Apenas pilhagem de mercadorias e de algumas reses para o churrasco, além de cavalos para a renovação da tropa. Nem mesmo bebidas foram consumidas.

Encontraram na propriedade de João Carpinteiro um bonito garanhão branco, arraçoado, preso na sogá. Um dos bandidos quis cortar o maneador, mas outro impediu, querendo aproveitar a peça e mandou

que o laço fosse desatado da árvore. Ao se aproximar do local, um certo tiro o derrubou, o mesmo acontecendo com o comparsa. É que João Carpinteiro postara-se em local estratégico, disposto a não perder seu belo animal de estimação. Era um caboclo decidido e valente, já com algumas mortes nas costas. Montou no cavalo em pelo e desapareceu, indo esconder-se na cidade. Os demais elementos do bando quando encontraram os companheiros mortos, amarraram-nos pelos pés e mãos, enfiaram uma vara no meio e assim os corpos foram transportados para junto do antigo cemitério, na atual Praça Ari Coelho. Os corpos foram sepultados no cemitério novo e a cidade voltou à tranquilidade.

Os bandidos não pensaram em represálias. Findo o episódio, as autoridades foram chegando à cidade, cada qual com uma desculpa mais esfarrapada para a conveniente ausência.